



AMÉRICA VERMELHA: leitura(s) de El Machete e A Classe Operária sobre a Revolução Mundial Russa*

Fábio da Silva SOUSA¹

Resumo: Esse texto tem como objetivo discorrer sobre algumas características da leitura que os integrantes do movimento comunista no México e no Brasil realizaram sobre a Revolução Russa, ocorrida em 1917. Como fonte e objeto de estudos, iremos analisar os dois principais periódicos desses Partidos, o *El Machete*, publicado a partir de 1925 pelo Partido Comunista Mexicano, PCM e *A Classe Operária*, do Partido Comunista do Brasil, PCB.

Palavras-chaves: Revolução Russa, Imprensa Comunista, México e Brasil.

Quando eclodiu em 1917, a Revolução Russa trouxe ao Mundo um novo ideal de sociedade, uma alternativa ao Capitalismo e ao Liberalismo que reinava na sociedade até então. Muitos operários, militantes sociais, anônimos, entre outros, se familiarizaram com o discurso internacionalista e de horizontalidade social que essa Revolução prometia em seus objetivos. Torna-se irrelevante citar que muitos componentes desse discursos internacionalista e libertador, não passavam de palavras, e a sua prática na sociedade foi problemática, contraditória e violenta. Contudo, ao menos em seus primeiros anos, a promessa de uma sociedade socialista não ficou apenas no Leste Europeu. Esse ideal circulou pelo Mundo, ultrapassou fronteiras e, sem demasia, pode ser considerada, uma das principais ideologias políticas, sociais e culturais do Século XX, ao lado do Capitalismo. Em sua “viagem”, a ideia da Revolução Russa ultrapassou

* Comunicação apresentada no XI Congresso Internacional da Brazilian Studies Association, BRASA, realizada de 06 a 09 de setembro de 2012, na Universidade de Illinois, em Urbana-Champaign, Illinois, Estados Unidos da América, EUA.

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em História e Sociedade da Faculdade de Ciências e Letras de Assis - UNESP - Universidade Estadual Paulista. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, FAPESP.

o Atlântico e chegou nas Américas. No caso do presente texto, trabalharemos o processo revolucionário russo foi lido pelos comunistas mexicanos e brasileiros, por meio de seus dois principais periódicos impressos: os jornais *El Machete* e *A Classe Operária*.

No Brasil, Marx e suas principais teorias já eram conhecidas nos círculos e veículos intelectuais. Inclusive, só para citar, Euclides da Cunha nutria uma simpatia pelas doutrinas marxistas (FILHO, 2007: 28) e o termo “Comunista”, também já circulava pela sociedade brasileira, principalmente na capital federal do período, Rio de Janeiro. No México, Marx só veio a ser conhecido no Século XX, depois da Revolução Russa. Segundo investigações das ideias políticas mexicanas, no Século XIX, o alto grau da censura empunhada pelo presidente/ditador Porfirio Díaz, fechou as portas do México para ideias radicais. Contudo, mesmo assim, o anarquismo e o socialismo desenvolveu-se nesse período, muito em virtude da chegada de imigrantes que traziam essas ideias em suas bagagens (Cf. ILLIADES, 2008).

Mesmo com essa dinâmica distinta, ambos os países não ficaram aquém da Revolução Russa de 1917. Ao eclodir no Mundo, ainda atônito pelas trincheiras da Primeira Grande Guerra que sepultava a *Belle Époque*, a Rússia despertou interesse ao se tornar palco da primeira grande Revolução Socialista no Mundo. A sua repercussão foi imediata nos principais meios de comunicação do período, a imprensa periódica.

Em 1919, o jornal *O Estado de São Paulo*, *OESP*, publicou uma charge interessante sobre a Revolução Russa:



Fig 01. Charge OESP.

A primeira impressão de leitura que a charge nos mostra, pode beirar ao humor, quando, o garoto diz para a garota: “Vamos repartir esse chocolate! Eu também tenho o direito de gosar as delícias do LACTA”. Contudo, por uma análise crítica, outros elementos vem a tona: o garoto apresenta uma vestimenta de não pertencer a classe alta, que podemos identificar pela sua boina, calça até os joelhos e pelo sapato. Já a garota se apresenta como uma burguesa, que também podemos identificar pela suas roupas, chapéu, entre outros. Outro elemento importante, é que o garoto está segurando um pedaço de pau e a garota demonstra uma expressão de receio, até de medo, podemos afirmar. Ou seja, o trabalhador está exigindo que o burguês reparta o que tem, os seus privilégios, riqueza, pois o mesmo tem o direito de usufruí-los, e, caso esse direito lhe seja negado, ele utilizará a violência para atingir o seu objetivo. Por uma leitura conservadora e liberal, a Revolução Russa foi apresentada como um processo, no qual, os burgueses são vítimas da violência perpetrada pela massa dos miseráveis, de quem está abaixo da pirâmide social.

Se os burgueses realizaram essa leitura, o mesmo não pode ser dito sobre o movimento operário. Tanto no Brasil, quanto no México, a Revolução Russa foi saudada com entusiasmo pelos militantes libertários, que a interpretaram como um processo revolucionário internacionalista, que começaria pelo Leste Europeu e se espalharia pelo restante do globo (Cf. DULLES, 1977). A imagem de trabalhadores tomando o poder, derrubando os czares – que no ocidente remete aos reis e imperadores – foram elementos fortes que não poderiam ser ignorados por quem lutava por uma horizontalidade na sociedade. Todavia, essa união entre libertários e bolcheviques não durou e as contradições do decorrer do processo revolucionário russo, principalmente pelo massacre infligido ao exército negro liderado pelo anarquista ucraniano Nestor Makhno, mostrou os limites entre as doutrinas ácratas com as comunistas-soviéticas (DEL ROIO, 2007: 229).

Com uma grande repercussão, um ano depois de sua eclosão, a América Latina entrou na rota do Comunismo Soviético. A partir de 1918, muitos operários latino-americanos aderiram ao comunismo e começaram a fundar, em seus respectivos países, partidos inspirados pelos soviéticos revolucionários:

Entre 1918 e 1922 surgiram partidos comunistas na Argentina, no México, no Uruguai, no Chile e no Brasil. Em 1925, fundava-se o Partido Comunista Cubano. Durante a grande crise econômica mundial e as grandiosas lutas

realizadas pelos trabalhadores dos países da América Latina, formaram-se partidos comunistas na Venezuela, na Colômbia, no Peru, no Equador, na Costa Rica, em El Salvador e no Paraguai; em outros países, constituíram-se às vésperas ou depois da Segunda Guerra Mundial (CODOVILLA, 2006: 430).

O PC mexicano foi fundado em 1919. Foi o segundo Partido Comunista da América Latina. O pioneirismo cabe para o PC argentino, fundado em 1918. Já os seus principais periódicos impressos, chegaram as ruas em momentos distintos. O *El Machete* foi fundado em 1924 pelo Sindicato de Obreros Técnicos, Pintores y Escultores de México, SOTPEM. Essa folha se incorporou ao PCM em 1925, quando houve uma filiação dos membros do SOTPEM ao PCM (Cf. AZUELA DE LA CUEVA, 2005). Já o *A Classe Operária*, foi fundado em maio de 1925 pelo próprio PCB. Ambos os periódicos tiveram como função publicar resoluções dos seus respectivos Partidos Comunistas, divulgar o marxismo-leninismo e ser um instrumento pedagógico de filiação dos operários e camponeses as doutrinas de Moscou!

A leitura realizada pelos redatores dessas duas publicações foi de entusiasmo sobre a Revolução Russa.

O órgão central do PCB, *A Classe Operária*, deu destaque ao 14º aniversário da Revolução Russa, em sua 7ª edição, de 10 de novembro de 1931. Anônimo, o artigo apresenta um relato das comemorações da Revolução Russa em São Paulo e no Rio de Janeiro e, denúncia à morte de um trabalhador no meio dessas festividades operárias. Também se deve levar em conta que os operários da Primeira República brasileira não tinham um conhecimento do que era a Rússia. Algumas matérias sobre a Rússia foi publicada nos primeiros anos do Século XX, em virtude da malfadada Revolução de 1905, a primeira tentativa de queda do regime czarista. Os comunistas do Brasil receberam as informações sobre o regime soviético que nascia por meio de notas e informes que eram distribuídos pela III Internacional Comunista, IC, fundada em 1919. Na América Latina, o principal centro de informações utilizadas pela IC se encontrava em Buenos Aires, Argentina, onde estava localizado o Bureal latino-americano da IC. Não à toa, Buenos Aires foi o palco do Primeiro (e único) Congresso dos Países Latino-Americanos, ocorrido em 1929.

A Classe Operária tornou um hábito editorial, em publicar matérias alusivas e grandiloquentes a Revolução Russa nas edições de outubro, com uma narrativa sempre

vitoriosa dos operários soviéticos, além de outras matérias de seus principais personagens, como Lênin e depois Stálin.

A mesma leitura militante pode ser detectada no caso mexicano, no artigo “Doce años de Revolución Victoriosa”, publicado na 178ª edição, de 07 de novembro de 1929. Essa matéria é mais extensa da que foi publicada em *A Classe Operária*, também não foi assinada e está dividida em duas partes, na primeira e na segunda página do exemplar. O artigo de *El Machete* manteve algumas estruturas narrativas do texto analisado anteriormente em *A Classe Operária*, como o caráter redentor e universalista da Revolução Russa, além de exaltar que todos os trabalhadores internacionais devessem defendê-la. Em contrapartida, esse artigo se diferencia por apresentar uma análise da realidade latino-americana prelo prisma soviético, como destacado no parágrafo que consta à afirmação de que à América Latina está sendo vítima do *terror branco*.

A estrutura de ambos os textos, celebram uma epopeia da Revolução Russa, uma dicotomia social, no qual, os bolcheviques representariam o lado do bem, e o capitalismo, aristocracias, feudalismo e outros regimes consolidados, seria o lado do mal. De certa forma, é uma leitura simplificada da realidade social, mas, que era perfeita para os objetivos propagandísticos e pedagógicos que os impressos comunistas se impunham para com a classe operária e as massas camponesas.

Ao nos depararmos com esse material impresso, é quase automático uma percepção de ingenuidade para com os comunistas mexicanos e brasileiros. Tal análise é equivocada e simplista, portanto, deve ser evitada. A Revolução Russa foi um evento inspirador e apresentou um processo de contestação e alternativa social do *status quo*. Essa leitura realizada tanto por letrados, analfabetos, intelectuais proeminentes e anônimos, estava de acordo e ao encontro dessa realidade social que se configurava no horizonte no final da década de 1910 e início de 1920. Foi por essa ótica de otimismo que os comunistas do Brasil e México, por meio dos seus periódicos, *A Classe Operária* e *El Machete* se colocaram na rota da Revolução Mundial. Um caminho que revelou pontos críticos e decisões que a posterior, se revelaram equivocadas.

Referências bibliográficas

AZUELA DE LA CUEVA, Alicia. **Arte y Poder. Renacimiento Artístico y Revolución Social. México, 1910-1945.** México: El Colegio de Michoacán/Fondo de Cultura Económica, 2005.

CODOVILLA, Vittorio. História do Marxismo na América Latina. In: LÖWY, Michel (Org). **O marxismo na América Latina. Uma antologia de 1909 aos dias atuais.** 2^a ed. ampl. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006. pp.430-435.

DEL ROIO, Marcos. A gênese do Partido Comunista (1919-29). In: FERREIRA, Jorge. & REIS, Daniel Aarão (Orgs.). **A formação das tradições (1889-1945).** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. pp. 223-248.

DULLES, John W. Foster. **Anarquistas e Comunistas no Brasil (1900-1935).** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

FILHO, Evaristo de Moraes. A proto-história do marxismo no Brasil. In: MORAES, João Quartim de & REIS, Daniel Aarão (Orgs.). **História do Marxismo no Brasil. Volume 1: O impacto das revoluções.** 2^a ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007. pp.11-49.

ILLIADES, Carlos. **Las Otras Ideas. El primer socialismo en México. 1850-1935.** México: Ediciones Era/Universidad Autónoma Metropolitana-Cuajimalpa, 2008.